

O SER HUMANO E A DIALÉTICA DA TRANSCENDÊNCIA E IMANÊNCIA: um estudo reflexivo sobre as superações e acomodações humanas, tendo como base o filme “Patch Adams : o amor é contagioso”.

Claudecir José Jaques¹,

Iara Lopes da Silva²

RESUMO

Muitas são as atividades desenvolvidas em sala de aula ou em outros ambientes acadêmicos que se tornam muito significativas e merecem ser registradas, relatadas e publicadas. À luz do binômio dialético 'transcendência e imanência', desenvolveu-se uma atividade de análise filmográfica de 'Patch Adams, o amor é contagioso', nas disciplinas de Ciências da Religião, e Língua Portuguesa. A análise levou os acadêmicos a perceberem, nas cenas desse filme, onde se poderia ver a capacidade de transcender ou de permanecer na imanência através dos acontecimentos em torno dos personagens. Transcender é sinônimo de ir além, superar. Imanência é a situação contrária, ou seja, a realidade fatídica, com suas limitações e finitudes. A transcendência passa a ser percebida no filme e em todas as outras situações da vida como a capacidade humana de superar os limites impostos pela natureza, pela cultura ou pela sociedade. Transcender é um ato que vai desde a simples superação de pequenos obstáculos à dimensão da fé na busca do ser superior, como o Transcendente Perfeito. Transcender, ou seja ir além, não é somente uma necessidade do ser humano, é uma capacidade que o identifica, é uma de suas características preciosas.

Palavras-chave: Dialética. Transcendência. Imanência. Filme. Patch-Adams.

ABSTRACT There are many activities in the classroom or other academic environments that become very significant and deserve to be recorded, reported and published. The light of the binomial dialectical 'transcendence and immanence', developed an activity analysis of filmographies 'Patch Adams, Love is Contagious', in

¹É mestrando em Ciências da Religião pela PUC-Goiás (bolsista da CAPES), possui Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior pela Gama Filho(2008), Graduação em FILOSOFIA pelo Instituto de Ensino Superior do Centro Oeste (2007), Graduação em CURSO DE PASTORAL CATEQUÉTICA pelo Centro Universitário La Salle (1992) e atualmente é professor de CIÊNCIAS DA RELIGIÃO e COORDENADOR DE PASTORAL da Faculdade Católica do Tocantins. – claudecir@catolica-to.edu.br.

²É Professora de Língua Portuguesa do Colégio Militar de Palmas e no Instituto Federal de Educação e Tecnologia do Estado do Tocantins, formada em Letras e Especialista em Docência do Ensino Superior – cmp.prof.iaralopes@gmail.com.

the disciplines of Science, Religion, and Portuguese Language. The analysis has led scholars to realize, in the scenes of this movie, where we could see the ability to transcend or to stay in immanence through the events surrounding the characters. Transcend is synonymous to go beyond, surpass. Immanence becomes the opposite situation, in other words, fateful reality, with its limitations and finitudes. Transcendence is perceived in the film and in all other situations of life as the human capacity to overcome the limits imposed by nature, culture or society. Transcend is an act that goes from simple overcoming obstacles to small dimension of faith in the pursuit of higher being, like the Perfect Transcendent. Transcend, ie going beyond is not only a necessity of the human being, is a capability that identifies, is one of its features precious.

Keywords: Dialectic. Transcendence. Immanence. Film. Patch-Adams.

INTRODUÇÃO

O título deste artigo convida a pensar sobre o binômio transcendência e imanência como elementos inerentes à natureza do homem. O objetivo é perceber que a capacidade ou dimensão de transcendência é imprescindível e nobre ao ser humano. Faz parte da constituição e formação humana a capacidade de ir além, de transcender. Ficar, adaptar-se e acomodar-se é próprio da natureza não reflexiva, ou seja, uma natureza vegetal e meramente instintiva. O ser humano, que reflexivo e cultural, necessita de superação e construção constantes e infinitas. O filme “Patch Adams, o amor é contagioso”, que tem como ator protagonista Robin Williams (falecido em agosto de 2014), é riquíssimo em elementos para uma análise humana dentro desta perspectiva dialética da transcendência e imanência. O filme apresenta o “amor e a alegria” como elementos e instrumentos fortes de superação.

Um poema encontrado na internet leva à inserção de cada um na realidade humana com toda a nudez e simplicidade necessária para compreendê-lo em seus elementos mais identitários para perceber sua realidade e sonho.

Posso ter defeitos, viver ansioso e ficar irritado algumas vezes, mas não esqueço de que minha vida é a maior empresa do mundo. E que posso evitar que ela vá à falência. Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise. Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e se tornar um autor da própria história. É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz de encontrar um oásis no recôndito da sua alma. É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida. Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos. É saber falar de si mesmo. É ter coragem para ouvir um 'não'. É ter segurança para receber uma crítica, mesmo que injusta. Pedras no caminho? Guardo todas, um dia vou construir um castelo... (texto atribuído a Fernando Pessoa – disponível em http://www.novaera-alvorecer.net/fernando_pessoa.htm)

O ser humano, para o poeta, é um ser que se dá conta de suas fragilidades e potencialidades e é exatamente este o foco deste artigo. Quando Fernando Pessoa diz: “posso ter defeitos (...)”, está destacando a finitude humana, a imanência. Porém quando diz: “mas sou capaz de (...)”, aponta para a transcendência ou a capacidade de superação, de ir além.

Em sala de aula, na disciplina de Ciências da Religião, na Faculdade Católica do Tocantins, fazendo uma análise antropológica generalista do homem em suas buscas, necessidades, realizações e concepções toma-se, além do poema citado, o filme em questão e se conduz os acadêmicos a inserirem-se na linguagem simbólica das cenas apresentadas nele. Nesta empreitada analítica muitas coisas ajudam a compreender o filme e o tema transcendência e imanência, como por exemplo, a música de Humberto Gessinger, (Banda Engenheiros do Hawaii) “Somos quem podemos ser”, que contribui pela sua letra e também porque a música chega mais facilmente à assimilação dos acadêmicos, pois em sua maioria são movidos pelo “som”.

1. CONCEITOS E APLICAÇÕES

É importante, antes de tudo, lembrar algumas informações sobre os conceitos de “imanência e transcendência”. Existem alguns usos diferentes dos termos no decorrer da história e nas diversas áreas humanas. Às vezes é usada de forma *stricto sensu* e, em outras, *lato sensu*. Às vezes na teologia, na filosofia e na ciência os termos são abordados a partir de uma separação dualista do mundo dos sentidos e das ideias ou corpo e alma. Às vezes não, especialmente na educação e arte, onde se amplia um pouco mais as compreensões e aplicações desses conceitos, tendo o limite e a superação como linhas mestras. Mas também pode ser o contrário, afinal, há educadores fechados na abordagem e teólogos abertos na compreensão dos conceitos de transcendência.

Uma consideração que contribui no entendimento desta dialética é o radical “ascender” que significa crescer, subir, ir para uma realidade ou estágio superior, e que dá origem às expressões “transcendência, transcender, transcendental e transcendente”. A transcendência é a capacidade interna do ser humano de superação. Transcender é a ação ou necessidade humana rumo à construção de sua identidade. O transcendental é a realidade que está além. E, por fim, transcendente é o ser superior, o ser perfeito ou, como as religiões o invocam, o Deus. Dentro desses significados se aplicam os termos para compreender o universo das coisas.

Para ajudar na compreensão e contextualização dos dois conceitos dialéticos

apresentados (transcendência e imanência), que servirão neste texto também para analisar a belíssima história narrada no filme citado anteriormente, é importante ver as várias aplicações, nas diversas áreas da cultura humana.

Na filosofia, especialmente em Heidegger vemos o “ser” e o “vir a ser” (o Dasein). Nesta abordagem, aponta-se para a noção de ato e potência. Heidegger concebe a vida, o mundo, o homem e tudo mais como um projeto contínuo de concretizações e possibilidades. O dasein do filósofo aponta para a noção de caminho que ruma para o horizonte. Para ele há sempre uma porta à frente para se abrir com “n” possibilidade. A noção de homem aqui é de um ser em construção. Um ser histórico. Uma continuidade eterna para o além. Transcendência, neste caso, está no terreno das possibilidades, do que está no futuro como ato, mas no presente como potência. Uma bela e grandiosa maneira de colocar o homem no seu lugar célebre. O homem não é só o que ele é, mas também o que ele virá a ser. Isso faz lembrar o poema de Fernando Pessoa, citado no início, com o título “o homem é do tamanho do seu sonho”. Apesar de muitos não viverem nem bem o seu presente, é preciso que todos se deem conta de que o futuro guarda muito mais para a construção da identidade do homem. É correto dizer que somos o que seremos. Antes do próprio Heidegger, na filosofia pré-socrática, já falava o filósofo Heráclito que “tudo flui, nada fica como está”. Tudo está em constante busca e transformação. Esta mudança, o antigo filósofo representa na figura do rio. Inclusive, acrescenta ele, “ninguém se banha no mesmo rio por duas vezes, pois quando se volta a ele já será diferente e o rio não será mais o mesmo”. Isso é o que se pode chamar de transcender sem perceber.

Na teologia ou na religião, a noção da dualidade 'imanência e transcendência', dá-se na compreensão de que o mundo é o imanente e de que Deus é o transcendente. Por mais que alguns discursos teológicos se refiram a essa dualidade mais como um dualismo, ou seja, como uma separação, a compreensão predominante é de que os dois mundos são interdependentes e dialéticos. São mundos que dialogam. Não podem ser vistos como mundos contrários e desconexos. Numa teologia mais cuidadosa, a noção de homem vai ser vista como um ser imanente que busca o transcendente num processo contínuo. Um ser limitado que busca a perfeição ou o aperfeiçoamento. Deus, aqui, é o ser que representa o transcendente. A ideia perfeita, o poder total e o fim de todo o ser imanente. Imanência também pode ser interpretada como um Deus que se faz presente na história, no meio dos homens, mas que guarda a sua dimensão mais profunda que é a realidade transcendental. A própria metáfora bíblica da criação do homem tem uma expressão do homem como um ser imanente,

com capacidades de transcender, ou com o transcendente dentro de si, quando diz: “façamos o homem a nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gênesis 1,26). A religião tem na própria origem da palavra esta dupla conexão. Religião vem do latim religare que significa religar. A cruz é uma boa simbologia para expressar esta dualidade. É uma religação que se dá num sentido vertical com o ser superior, transcendente e no sentido horizontal com o mundo imanente, com os semelhantes.

Na psicologia, em Freud, na análise do medo, do trauma e da superação na figura do ego e do superego, desenvolve-se a noção de que no mundo dos sentimentos, das emoções, também pode se perceber esta dialética humana. Há coisas que nos prendem a um mundo pequeno por medo ou conformismo. Porém, no processo de amadurecimento psicológico, o homem encontra força para superar seus traumas ou neuroses. Os psicólogos ajudam a compreender o ser humano como um ser vulnerável e forte. Um ser fechado nos seus medos e aberto nas suas necessidades e capacidades. Jung nos ajuda a compreender isso na metáfora do casulo e a borboleta, em que no processo de transformação, de metamorfose, ocorre no amadurecimento pessoal.

Sociologicamente falando, Marx é o pensador e militante que se encaixa perfeitamente nesta abordagem dialética. Suas teorias são tidas como a sociologia dialética. A sociologia dos conflitos. O conflito do poder estabelecido e a revolução. Para ele, o que faz sentido numa sociedade e o que dá movimento e crescimento é a luta dos contrários. Ele segue a filosofia de Hegel que começa a falar sistematicamente sobre a dialética como uma forma de entender a cultura humana. Hegel vai trabalhar isso na trilogia “tese-antítese-síntese”. Da relação entre a tese e a antítese surge a síntese, que nada mais é do que uma nova tese. A tese pode muito bem ser análoga e a imanência e a antítese representar a transcendência. No caso de Marx, que aplica a dialética na construção social, o protesto e a revolução fazem a sociedade transcender e o poder estabelecido, o status quo acaba por representar o estado de imanência, que é a realidade até então construída.

A ciência e os cientistas em geral, também permanecem e crescem dentro desta perspectiva. A descoberta e a invenção, a natureza e a recriação são realidades que dialogam na intenção de ir além. Descobrir algo é compreender a realidade imanente. Inventar algo é ir além, é transformar o estado das coisas. O cientista sente-se em transcendência quando modifica a natureza em benefício do ser humano e dela própria. Se a ciência seguir os princípios éticos ou bioéticos na transformação da vida, conduzirá o mundo para um processo de evolução. Caso contrário estará regredindo,

diminuindo a natureza e a própria ciência.

No processo educacional, talvez seja onde mais é possível notar a dualidade transcendência e imanência humanas. Na educação convivem a ignorância e a sabedoria de forma contínua e evolutiva. Na relação estabelecida entre educador e educando, leitor e livros, há o desafio a todos os envolvidos para o crescimento, a busca e a reflexão crítica que faz desacomodar e rever conceitos.

Na arte, com a liberdade que lhe é própria, transcender é a regra. Ir além, em um caminho de diálogo entre realidade e imaginação, conduz o artista a transitar em lugares nunca vistos ou sonhados. Ali, não há limites físicos para as suas viagens. A pedra e a escultura estão presentes no mesmo lugar, é só uma questão de ótica.

Por fim, na teologia, onde a transcendência tem o seu lugar cativo, é importante ver a aplicação do binômio. Transcender, na linguagem teológica, é aproximar-se do Transcendente, ou seja, de Deus. O Transcendente aqui se torna no que há de mais perfeito e grandioso possível. Aquilo que está tão além que ninguém pode alcançá-lo de maneira total. A 'imanência' é vista pela teologia como a Divindade se manifestando ao homem, ou seja, hierofania. Quer dizer, o Transcendente fazendo-se um pouco Imanente. Uma das ações que faz o homem passar da imanência à transcendência é a religião ou oração. A religião proporciona o movimento de religação com a Divindade. Esta religação precisa acontecer constantemente, pois facilmente o humano acomoda-se na imanência, no dia a dia. A oração pode ser uma forte ferramenta para a busca do Transcendente. Porém, por mais que seja precisa a transcendência, não se pode viver somente dela, pois como seres também materiais, o humano precisa valorizar a realidade imanente que lhe garante as necessidades básicas e é o lugar natural do ser humano. Ele é o que Heidegger chamou de ser-no-mundo. O humano, segundo a teologia, não é deste mundo, mas está neste mundo. Portanto, precisa dele também.

2. TRANSCENDÊNCIA, UM MOVIMENTO INTERNO DESPERTADO POR ESTÍMULO EXTERNO

A imanência, além de ser ou representar a situação ou condição real das coisas ou do ser humano, também pode desafiar ou estimulá-lo na superação. Há coisas e acontecimentos que despertam no homem inquietações que o conduzem a superar limites. A frieza do mundo real incomoda o calor interno da reflexão humana. Leonardo Boff, (2000, p. 4) no seu livro Tempo de transcendência, faz uma análise belíssima desta capacidade e necessidade que é indissociável de alguém que possa se dizer humano.

Creio que a transcendência é, talvez, o desafio mais secreto e escondido do ser humano. Porque nós, seres humanos, homens e mulheres, na verdade, somos protestantes, somos essencialmente seres de protestação, de ação e de protesto. Protestamos continuamente.

Protestar é não concordar com a imposição da realidade externa que insiste em moldar, formatar e se repetir ou reproduzir-se. Se a realidade não desafia a mudança, é porque o homem que a observa ou se serve dela, está desumanizando-se, pois não há nada mais humano do que a reflexão e transformação interna e externa. Ele é um ser em constante evolução. Nunca estará acabado.

O autor continua destacando esta ânsia de mudança que faz parte da constituição humana. “Recusamo-nos a aceitar a realidade na qual estamos mergulhados porque somos mais, e nos sentimos maiores do que tudo o que nos cerca” (BOFF, 2000, p. 4). A noção exata é de que a realidade é pouco para o homem. Ele se lança a reconstruí-la, a reinventá-la na busca de encontrar sentido para a sua existência ou para encontrar o seu lugar e ser feliz. Esta busca nem sempre leva para caminhos e resultados positivos. Muitas vezes chega a lugares e soluções nada saudáveis e nem ecológicas. Pode inclusive construir caminho para a sua morte prematura. A busca não aliada à consciência e humanismo, pode conduzi-lo a um desequilíbrio perigoso e, por algumas vezes, irreversível. Porém, isso não tirará nunca do espírito humano a sua sede de mudança.

Neste sentido pode-se citar uma frase célebre de Albert Camus (apud ALVES, 2008, p. 16) que diz: “O homem é a única criatura que se recusa a ser o que ela é”. É o que se pode chamar de metamorfose humana. A imanência coloca o homem diante de sua realidade e ele não a aceita como situação fatídica. A realidade está aí para ser mudada ou ressignificada.

Na continuidade de sua análise dialética e dialógica sobre o ser humano, Boff (2000, p. 60) acrescenta que:

Somos todos seres desejantes. Talvez o desejo seja nossa experiência mais imediata e, ao mesmo tempo, mais profunda. Coisa que já Aristóteles vira e que Freud colocou como eixo fundamental para entender o motor interno humano. A nossa estrutura de base é o desejo. E faz parte da dinâmica do desejo não ter limites.

O desejo torna o homem descontente, almeiante de dias e coisas melhores. O contentamento com coisas e lugares conquistados dá uma rápida sensação de ponto de chegada, mas não por muito tempo, pois se o homem estiver em suas características essenciais voltará a desejar ampliar-se e melhorar situações.

3. ANÁLISE DO FILME “PATCH ADAMS, O AMOR É CONTAGIOSO”, UM FILME QUE CONVIDA A TRANSCENDER.

Este filme, analisado nas aulas de Ciências da Religião, da Faculdade Católica do Tocantins, nas aulas de Língua Portuguesa em uma Escola Estadual do Tocantins e provavelmente em muitos outros lugares, é de uma riqueza simbólica impressionante. Ele faz ver que transcender não é algo apenas bonito, precioso, mas também preciso, necessário para o processo de humanização do homem e dos lugares que ele constrói e convive.

Para uma melhor análise e compreensão do filme, é bom lembrar sinteticamente da história desenvolvida nele.

Após uma tentativa de suicídio e voluntariamente ser internado em um hospital psiquiátrico, Hunter "Patch" Adams descobre um belo dom de poder ajudar as pessoas usando o bom humor. Dois anos depois, Patch entra em uma universidade de medicina para se formar como um respeitável médico e ajudar o mundo colocando alegria no coração de seus pacientes. Em uma classe cheia, com pessoas desconfiando de suas notas e julgando mal seu modo de alegrar os doentes, Patch vai lutar contra um desafio, mas com isso vai pôr uma mensagem dentro da universidade que não só contagiará de alegria seus amigos, como também o mundo todo, pois ele provará que o amor é contagioso. (WIKIPÉDIA - Sinopse do filme 'Patch Adams – o amor é contagioso')

O filme não relata a história precisamente real de “*Hunter Doherty Patch Adams*”, que é um médico norte-americano, famoso por sua metodologia inusitada no tratamento de enfermos. Formado pela *Virginia Medical University* e que também fundou o Instituto Gesundheit em 1971. Algumas cenas e personagens são fictícios, ou seja, servem para ilustrar a história e proporcionar um aspecto mais cinematográfico e atraente ao telespectador. Inclusive, muitas vezes o próprio Patch da vida real criticou estas inovações do filme. Isso não tira a riqueza simbólica desta obra.

Algumas cenas são cruciais nesta análise. Abaixo se destacam cenas importantes e que ajudam a perceber a dialética ou dialógica do binômio: *transcendência e imanência*. Para quem assiste ao filme com este olhar, não há cena que não tenha este conflito permanente entre o estabelecido e o sonho de mudança. O personagem principal do filme, além de ser apresentado por um excelente ator, Robim Willians, leva o espectador a refletir constantemente sobre sua vida e a sociedade em geral.

Cenas importantes e breve análise:

Cena a – *Internamento voluntário no hospital psiquiátrico*: mostra o enfrentamento de uma situação que se apresenta como desafiadora. A depressão

gerada por sérios problemas familiares e profissionais podia ter feito Patch Adams desistir e, como mostra no filme, suicidar-se. Ele tomou o caminho contrário, mas nebuloso. Nebuloso porque internar-se em um sanatório era e é ainda uma atitude que favorece o sofrimento pelo preconceito e medo social. A sociedade não vê com bons olhos pacientes de hospital psiquiátrico. Porém, contra isso, ou apesar desse tabu, ele, num movimento de transcendência, buscou se compreender e encontrar.

Cena b – *Ajuda ao parceiro de quarto do hospital, Rudi, esquizofrênico, na luta contra os esquilos*: esta cena é o divisor de águas na vida de Patch Adams. Foi neste momento que ele encontrou as respostas para a sua mudança. O psiquiatra não lhe ajudava muito, nem lhe dava muita atenção na sua compreensão, mas o fato que ocorreu com o seu companheiro de quarto, transformou-lhe. Seu companheiro (Rudi) era esquizofrênico. Via esquilos e tinha medo. Quando ele tinha estas crises, os enfermeiros lhe aplicavam, como sempre, uma injeção calmante. Numa certa noite, Rudi queria ir ao banheiro e estava com medo devido aos esquilos que estava vendo. Depois de uma conversa com ele, Patch Adams partilha da alucinação dele e começa a matar os esquilos com uma arma imaginária. Ele consegue fazer Rudi ir ao banheiro, superando este medo. “Foi uma sensação incrível”, disse o personagem. Percebeu que ajudando o esquizofrênico seu problema desapareceu, sentiu-se forte. A partir disso tomou uma decisão: queria sair e ajudar mais pessoas.

Cena c – *Encontro com o personagem Sr. Mendelson, que fez a pergunta 'quantos dedos têm na minha mão?'*: Esta cena, ainda dentro do hospital psiquiátrico, também merece um destaque especial. Ela está aliada a anterior. Uma atitude que todos, inclusive o Patch, no início, achavam idiota, pois o Senhor Mendelson colocava os quatro dedos na frente dos olhos das pessoas e pedia quantos dedos elas viam. Todos diziam que eram quatro e ele ficava furioso, achando todos idiotas. Patch Adams quis saber a resposta correta, pois via que ali tinha algo de significativo. Quando o Sr. Mendelson percebeu que ele estava levando aquilo a sério, fê-lo perceber que os quatro dedos que estavam a sua frente, poderiam ser oito se ele olhasse além dos dedos. Quando ele olhou além dos dedos, desfocou a imagem dos dedos e realmente apareceram oito. O Sr. Mendelson ainda destacou: 'Se você se concentrar no problema, não verá a solução'. Quando Patch respondeu oito, ele disse: 'isso mesmo, você vê coisas que outros não veem, por medo, preguiça ou conformismo'. Esta cena nem precisaria de análise, pois fala por si só. Porém, é interessante destacar a expressão 'olhar além'. Transcender é ir além, olhar além, conceber além, entender além do que a simples realidade pode nos ofertar para a compreensão. Cena que mais tarde será

relembrada por Patch e lhe conduzirá a atitudes revolucionárias.

Cena d – *Quando o Patch entra ocasionalmente no quarto das crianças com câncer*: Nesta cena, o personagem já se matriculou na faculdade para ser médico e ajudar as pessoas. Enfrentará muitas barreiras na realização deste seu projeto. Não poderia visitar o hospital até o 3º ano de estudo. Visitava escondido o Diretor. Numa de suas visitas, acabou se deparando com um quarto lotado de crianças com câncer, todas quietinhas e tristonhas. Patch começou a conversar com uma delas e a fazer brincadeiras e, em pouco tempo, já tinha contagiado a todas as crianças que pulavam e riam, esquecendo-se da dor e doença. Tudo isso o fazia pensar de forma mais ampla e a conceber o hospital como um lugar diferente, que para ele deveria ser de acolhida e mais humanitário.

Cena e – *Cena da aula prática do professor em que ele pergunta, para o estranhamento de todos, 'qual é o nome da paciente?'*: Ele não poderia estar na aula prática, pois ainda não estava no 3º ano, mas infiltrou-se e seguiu a turma. Quando o professor abordou uma paciente com sua turma, começou a explicar que doença ela tinha e como se poderia tratar. Patch Adams pergunta ao professor qual era o nome da paciente. Todos, inclusive o professor, ficaram achando desnecessário e estranho. Ele estava fazendo informalmente experiência de humanização e superação, ou seja, de transcendência.

Cena f – *No conflito com o paciente Bill, do quarto 305*: ele sabia que Bill era nervoso e brigão. Mas isso não impediu que ele fosse enfrentar este problema. Numa primeira tentativa de aproximação, não foi bem sucedido, pois o paciente lhe agrediu. Parecia que não voltaria mais a este quarto. Que nada, voltou de outra forma. Percebeu que a coisa que mais ocupava a cabeça de Bill era a morte iminente. Começou a brincar com palavras sinônimas da morte. Bill caiu na gargalhada. Nunca mais atirou objeto algum nas enfermeiras. Nesta cena, além da superação, aparece a persistência e adaptação à realidade para transformá-la. Isso é transcender como profissional e provocar a transcendência nos outros.

Cena g – *No bar, quando todos estavam reclamando e não vendo solução para a saúde, ele começou a imaginar um hospital diferente*: fenomenal! Nesta cena é possível ver as pessoas ainda hoje reclamando e não vendo saída para problemas no sistema de saúde. Enquanto eles só reclamavam, ele começa a imaginar um hospital com um perfil diferente. Põe a ideia no papel e começa a investir no projeto, envolvendo e contagiando os outros. A Imanência apontava limitações intransponíveis a princípio, mas Patch percebeu que ali, transcender era preciso.

Cena h – *O reitor pede para ele, como um dos melhores alunos da turma, ajeitar o auditório para o Congresso dos Ginecologistas*: foi punido por fazer uma brincadeira com os ginecologistas que estavam chegando para o congresso. Modelou, na entrada do auditório, as pernas de uma mulher em posição ginecológica, para o espanto do diretor e de vários médicos. Ele apenas quis que os doutores tivessem um pouco de senso de humor, que olhassem para a sua profissão com olhos menos frios e técnicos.

Cena i – *Piscina cheia de macarrão para ajudar a paciente que não queria comer*: Ele lembrou que esta paciente havia contado uma fantasia de infância que gostaria de nadar em uma piscina cheia de macarrão. Os outros levaram a fantasia na brincadeira, mas ele levou a sério, pois fazia parte da vida da paciente. Quando ela não tinha mais ânimo nem para comer, ele resgatou aquela fantasia de infância dela e reanimou-a. Transcender é olhar a vida, valorizando os mínimos detalhes. Isso é ir além. Isso é preciso!

Cena j – *Quando Patch Adams foi apresentar à Karin (sua amada) a casa que iria servir de lugar para o início do projeto clínico alternativo e uma das portas cai, de tão velha, para a perplexidade dela, mas ele diz: “Pense no potencial”*. Cena fabulosa! Ele poderia desanimar junto com Karin, mas imediatamente a conduziu a imaginar as possibilidades do local. Tudo o que poderia ser alterado e construído para o projeto dar certo. Imanentemente, havia limitações, para alguns insuperáveis, mas para Patch, que voava na transcendência isso era, como no dito popular, “café pequeno”.

Cena l – *Defendendo-se na comissão de ética médica o seu direito de se formar, conflitando com o reitor*: esta é uma das últimas cenas do filme. Até o final ele enfrentou dificuldades para ser o que queria, não se moldando ou acomodando-se ao estilo e modelo vigente. Queria ser diferente. Enfrentou dificuldade e até processo de expulsão. Não se deu por vencido. Lutou para ser médico e mudar a concepção das pessoas sobre a vida e a morte. Para ele era preciso transcender. Pensar de modo amplo e superar aquela mentalidade que o Diretor defendia de que 'tudo se resumia em poder e controle'. Enfim, a batalha foi dura, mas uma coisa ajudou a Patch: a maioria dos que estavam ao seu redor estavam contagiados pelo seu espírito humanizador.

Muitas outras cenas, aliás, todas as cenas deste filme são ricas para analisar o homem nas suas dimensões de transcendência e imanência. É importante assistir a este filme por pelo menos duas vezes para conseguir absorver a simbologia de suas cenas e falas. Este não é o único que pode ser analisado nesta perspectiva, mas com certeza é um dos melhores. Ele leva os telespectadores a ver as coisas, o mundo e o homem de forma mais ampla. Ver o ser humano como um projeto aberto e infinito. Não

há somente uma maneira de ver as coisas. O ser humano é capaz de ser mais e ajudar os outros a serem mais, a transcender.

4. UM PROJETO ABERTO AO INFINITO

A transcendência é uma dimensão ou capacidade que mais identifica o ser humano. Comparado aos outros animais, não há nenhum que nasça tão desconstruído e se torne tão amplo e capaz como o ser humano. Pouca coisa é inata no ser humano. A maior parte é busca e construção. Neste sentido, o teólogo e cosmólogo Leonardo Boff (2000, p. 11) contribui perguntando e analisando.

O que é o ser humano, então? É um ser de abertura. É um ser concreto, situado, mas aberto. É um nó de relações, voltado em todas as direções. Já dizia o grande “filósofo” (comunicador) Chacrinha: “Quem não se comunica se estrumbica.” É só se comunicando, realizando essa transcendência concreta na comunicação, que o ser humano constrói a si mesmo. É só saindo de si, que fica em casa. É só dando de si, que recebe. Ele é um ser em potencialidade permanente. Então, o ser humano é um ser de abertura, um ser potencial, um ser utópico. Sonha para além daquilo que é dado e feito. E sempre acrescenta algo ao real.

Não há outro ponto de chegada para o ser humano, a não ser ao Transcendente. Tudo o que é do mundo não restringe a capacidade humana, a não ser que ele queira se acomodar e limitar-se. Isso não quer dizer que o ser humano não tenha limitações a enfrentar. Porém, as próprias limitações físicas, psíquicas e sociais o indivíduo as ressignifica e as torna superáveis nem que seja apenas pelo seu pensamento, sua espiritualidade ou sua fé.

O ser humano se constrói, se destrói e se reconstrói constantemente na medida em que não se satisfaz com aquilo que lhe é apresentado pela natureza, pela cultura ou pela sociedade. Nesta reflexão, uma frase conhecida de Albert Camus, citada por Rubem Alves (2008, p.16), ajuda a compreender esta inquietação humana: "O homem é a única criatura que se recusa a ser o que ela é". O Autor continua desenvolvendo esta ideia falando da capacidade de ressignificação ou simbolização de si próprio e do mundo que o faz repensar e refazer-se como pessoa. Diz ele:

O fato é que os homens se recusam a ser aquilo que, à semelhança dos animais, o passado lhes propunha. Tornaram-se inventores de mundos. E plantaram jardins, fizeram choupanas, casas e palácios, construíram tambores, flautas e harpas, fizeram poemas, transformaram seus corpos, cobrindo-os de tintas, metais, marcas e tecidos, inventaram bandeiras, construíram altares, enterraram seus mortos e os prepararam para viajar e, na sua ausência, entoaram lamentos pelos dias e pelas noites... (ALVES, 2008, p. 17)

É fundamental a constatação de que o ser humano está em eterna transformação. Ele não se aquieta frente às imposições que lhe são apresentadas. Ele

não se contenta com os meros significados que lhes são passados sobre as coisas. Ele ressignifica e atualiza concepções sobre tudo, inclusive sobre ele mesmo. Ele adapta a realidade a seu favor e readapta quando reconstrói a sua concepção de mundo. A metamorfose humana não acaba nem quando lhe somem as forças, pois aí é que lhe faz pensar e ressignificar a sua vida e o mundo que o cerca.

5. AS TRANSCENDÊNCIAS NECESSÁRIAS PARA O MUNDO ATUAL

Muitas superações são necessárias na atualidade. Podem-se apontar aqui seis transcendências que parecem ser necessárias para um mundo melhor. Não necessariamente nesta ordem, mas destacam-se a transcendência econômico-material, sócio-ética, cultural-educacional, ecológico-planetário e espiritual-religioso.

Na economia, a humanidade precisa dar passos significativos de superação. O tema sustentabilidade evoca uma mudança na forma de pensar e agir economicamente. Não se pode mais querer crescimento econômico sem pensar no desenvolvimento integral. Um desenvolvimento que leve em consideração uma redistribuição de renda, um combate global da miséria para uma sustentável vida para todos. Outra superação nesta área é a passagem de uma valorização do material, do monetário, para uma valorização do capital humano e cultural. O ser humano precisa passar a ter valor, não financeiro, mas antropológico. O filme analisado neste texto ajuda bastante nesse sentido, pois resgata o humano como valor principal.

Outra transcendência deve ser a social. A mudança que precisa ocorrer é do indivíduo para a comunidade. A sociedade está sentada em valores que destacam a figura do individual, da liberdade, do sonho de prosperidade pessoal, tanto no material como no reconhecimento social. Transcender para o comunitário não é negar a individualidade, mas não deixar que ela seja um empecilho para as relações e fraternidade humana. A era da competitividade precisa resgatar ou construir relações mais cooperativas e de solidariedade. É a passagem da ética do individual para a ética do coletivo. Referindo-se ao filme, um dos pontos mais brilhantes da história do Patch é a sua capacidade altruísta, a sua compassividade, pois para ele, colocar-se no lugar do outro não era difícil.

No que se refere à educação, a superação precisa ser maior ainda. Ela precisa sair do mero acúmulo de conhecimento para a construção de conhecimentos significativos e transformadores. Toda mudança humana passa por uma alteração cultural. Se não houver uma mudança na mentalidade, não acontecerá o que se sonha no mundo. Nelson Mandela, em um de seus discursos, defendeu a ideia de que

“ninguém nasce odiando ou discriminando alguém; isso é aprendido do mesmo modo que se aprende amar”.

Na ecologia, a situação é patológica. O movimento de transcendência neste setor precisa ser iniciado, não somente por tratar bem a natureza, mas por resgatar laços e riquezas perdidas. A superação da mentalidade exploradora, produtivista e consumista para uma mentalidade e ação sustentáveis é urgente. A consciência precisa abrir-se para a noção não de local habitado, mas para uma consciência planetária.

A esse fenômeno, Leonardo Boff e outros autores chamam de planetarização. Passar do individual para o coletivo, mas não com o olhar direcionado somente para o coletivo humano. É preciso sentir-se planeta, com todas as suas características. Seria uma consciência de que ninguém mais deveria sentir-se indivíduo ou apenas pessoa, mas terra. Sentir-se universo. É um movimento de transcendência rumo a uma integração plena.

Na espiritualidade ou na vida religiosa, também se faz necessário uma transcendência na forma de ser ou conceber religiosamente o mundo. A religião que deveria religar parece estar desligando os seres. A divisão, a separação, os conflitos, as intolerâncias estão presentes na religiosidade atual. Há uma necessidade de passagem de uma religião ou espiritualidade etnocêntrica (na qual apenas o grupo do 'eu' é visto como correto), para uma religiosidade mais ecumênica (na qual o diálogo acontece sem perder a individualidade das denominações). As diferenças religiosas não podem gerar competição e exclusão, mas servir para enriquecer o cenário religioso mundial que é diverso, belo e necessário. Transcender é preciso não só para a tolerância, mas para uma contemplação do outro como um ser diferente e integrado no grande organismo divino.

CONCLUSÃO

Uma transcendência em todos os aspectos da vida humana, além de ser necessária, é maravilhosa por permitir ao indivíduo sentir a mudança e ver as superações coletivas. Muita mudança precisa acontecer para uma verdadeira transcendência, mas saber que o ser humano é capaz de superações indescritíveis é de valor inestimável.

A análise do filme, à luz da dialética transcendência e imanência, trouxe aos acadêmicos uma compreensão e aplicação simples e profunda dessa dialética. Foi fácil para os alunos realizar essa análise, porque ao mesmo tempo em que assistiam e liam

sobre o assunto, se colocavam no cenário interpretando a si mesmos. O objetivo disso era a educação para a transcendência. Educação que é capaz de construir conhecimentos significativos para a vida não só pessoal, mas também comunitária.

A preciosidade da transcendência está no fato de que proporciona ao ser humano a ampliação e integração constantes. Amplia o horizonte, integra o homem consigo mesmo, com os outros, com o cosmos e com seu criador, para aqueles que creem neste dogma.

A transcendência dá asas de águia a quem com ela viver. Águia aqui é usada no mesmo significado da fábula “A águia e a galinha”, que Leonardo Boff (2006) utiliza como metáfora da condição humana em um de seus livros. Pode-se afirmar, então, que transcender é voar.

Fica a sugestão para qualquer educador que queira desafiar os seus acadêmicos a pensar a vida, as coisas, o mundo, a sociedade, a cultura e a religião de uma maneira mais ampla e integrada.

Neste artigo, foi utilizado o Filme “Patch Adams, o amor é contagioso”, mas existem outros que sugerem reflexões profundas e compreensões acerca do ser humano ou do mundo. Pode-se inclusive citar filmes como: “A procura da felicidade”, “Quase Deuses”, “The Wall”, Pinck Floyd, “Forest Gamp”, “O naufrago” dentre outros que também abordam os limites e as possibilidades humanas. Resta reafirmar que transcender é mais que preciso, é precioso!

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O que é religião?** 9. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito.** Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

_____. **A águia e a galinha.** 45. Ed. São Paulo: Vozes, 2006.

Patch Adams, **o amor é contagioso.** Direção de Tom Shadyac. Produção de Mike Farrell, Barry Kemp, Mervin Minoff e Charles Newirth. Distribuição Universal Pictures. EUA, 1998, DVD.